

UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE  
RONDÔNIA

CENTRO  
INTERDISCIPLINAR DE  
ESTUDO E PESQUISA  
DO IMAGINÁRIO  
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO  
ISSN 1519-6674  
ANO XX  
VOLUME 32  
(JAN-JUN)  
2020  
P. 167-189.

## **DAS CASAS AO CONGRESSO, IGREJAS NOS LARES. UM ESTUDO SOBRE O MODELO DE CÉLULAS NA IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR EM SANTARÉM-PARÁ**

Diego Darlisson dos Santos Sousa<sup>i</sup>

Doutorando em Antropologia Social na  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

### **RESUMO**

Este trabalho analisa a relação entre o sistema de crenças, participação política e o Modelo de Células consubstanciado à Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) na cidade de Santarém-Pará. Para tal empreitada é utilizada abordagem etnográfica por meio da qual verificou-se que, dentre outras estratégias, o uso de “batalha espiritual” pode ser elemento bastante útil para se adentrar ao interior de espaços em que anteriormente a igreja não influenciaria.

**Palavras-chave:** Igrejas Pentecostais; Socioespacialidade; Sistema de Crenças.

### **RESUMEN**

El presente estudio analiza la relación entre el sistema de creencias, participación política y el modelo celular encarnado en la Iglesia del Evangelio Cuadrangular (IEQ) en la ciudad de Santarém-Pará. Para este esfuerzo se utiliza un enfoque etnográfico, a través del cual se descubrió que, entre otras estrategias, el uso de "batalla espiritual" puede ser un elemento muy útil para ingresar al interior de espacios en los que la iglesia no influiría previamente.

**Palabras clave:** Iglesias Pentecostales; Socioespacialidad; Sistema de Creencias.

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como recorte espacial o Município de Santarém no Oeste do Estado do Pará, na confluência do rio Amazonas com o rio Tapajós, região do Baixo Amazonas. Segundo os dados do censo demográfico, Santarém possui aproximadamente 294.580 habitantes e uma área de 22.887 km<sup>2</sup> (IBGE, 2010). O intuito é descrever as formas de arregimentação praticadas pelas Igrejas do Evangelho Quadrangular (IEQ) na cidade e o papel fundamental do modelo de células, assumidos por essa igreja dentro de um contexto de disputas políticas. No âmbito da disputa eleitoral do ano de 2014 acompanhei várias reuniões de *arregimentação política*<sup>ii</sup>, meu interesse inicial era dar continuidade a outro estudo sobre formas de relacionamento entre jovens desta religião. Dentre estas idas a campo, ficou evidente em uma das reuniões de arregimentação quais táticas seriam utilizadas para a conquista de votos aos dois representantes da IEQ no estado do Pará.

Na candidatura a deputado estadual, estava concorrendo à reeleição o pastor/deputado<sup>iii</sup> Martinho Carmona, primeiro vice-presidente do conselho estadual de pastores da IEQ e, para deputado federal, o pastor e presidente do conselho estadual, além de fundador da igreja no estado do Pará, Pr. Josué Bengtson. O Conselho Estadual na hierarquia da igreja é o maior posto, acima da presidência estadual, está o Conselho Nacional de pastores. Na primeira, da série de reuniões que ocorreram

neste período, foi distribuído entre os presentes: pastores, *líderes de células* e fiéis da igreja em geral, um formulário com espaço para o preenchimento de dez nomes. Nomes de familiares, colegas de trabalho, de aula e outros. Essas pessoas que teriam seus nomes escritos no formulário deveriam assumir o compromisso de votar nos candidatos da igreja. E, na reunião seguinte, deveriam estar presentes, para que pudessem também participar da formulação de estratégias para a campanha eleitoral e trazer novos votantes, amigos, vizinhos etc. E, assim, criar uma rede de atuação engajada na conquista de votos.

Foi nesse momento que surgiu em campo a temática aqui abordada. Algo similar a “batida”<sup>168</sup> policial na briga de galo, que permite a Clifford Geertz o acesso ao universo balinês. (GEERTZ,1989). Para compreender a escolha de um momento de entrada no campo, ênfase textual e escrita antropológica ver James Clifford (2011), pois no trabalho desse autor temos importante reflexão acerca da inserção do pesquisador e de suas escolhas em campo.

Naquele momento ficou claro que tais reuniões seriam chaves para compreender e aproximar as relações entre “*modelo de células*” e a representação político partidária. Não é proposto aqui uma análise macro da ação das igrejas evangélicas em projetos de leis ou mesmo a atuação em Frente Parlamentar. A análise proposta é em escala menor, objetivo é uma análise argumentativa de um modelo organizacional comum entre igrejas pentecostais

no Brasil e América Latina que se mostra como forma pormenorizada de abrangência dessas igrejas, dessa forma evidenciamos um dos principais métodos de obtenção de espaços políticos pelas igrejas no Brasil.

## 1. SISTEMA DE CRENÇAS E DE VALIDAÇÃO SOCIAL

Existe uma indissociável interação entre as percepções do mundo e as noções que criamos sobre ele. Nesse estudo em torno de expressões e vivências de credo, demonstramos como práticas humanas das mais diferentes formas, sejam elas morais, burocráticas, educacionais ou mágico/religiosas se mantêm unicamente através de uma legitimação do real produzida e vivenciada coletivamente pelos sujeitos, aqui denominada de *Sistema de crenças*.

Lévi-Strauss, em *A Eficácia Simbólica* (1949), demonstra que as noções de Magia devem ser legitimadas pela crença social, sendo a relação do feiticeiro não apenas fisiológica, mas também uma construção simbólica que: funda-se numa **tripla experiência**: a do **próprio xamã** que, se sua vocação for real (e ainda que não o seja em razão do exercício em si), experimenta estados específicos de natureza psicossomática, **a do doente**, que sente ou não uma melhora, **e a do público**, que também participa da cura, cujo treinamento por que passa e a satisfação intelectual e afetiva que obtém determinam uma adesão coletiva que por sua vez inaugura um novo ciclo. Esses três elementos do

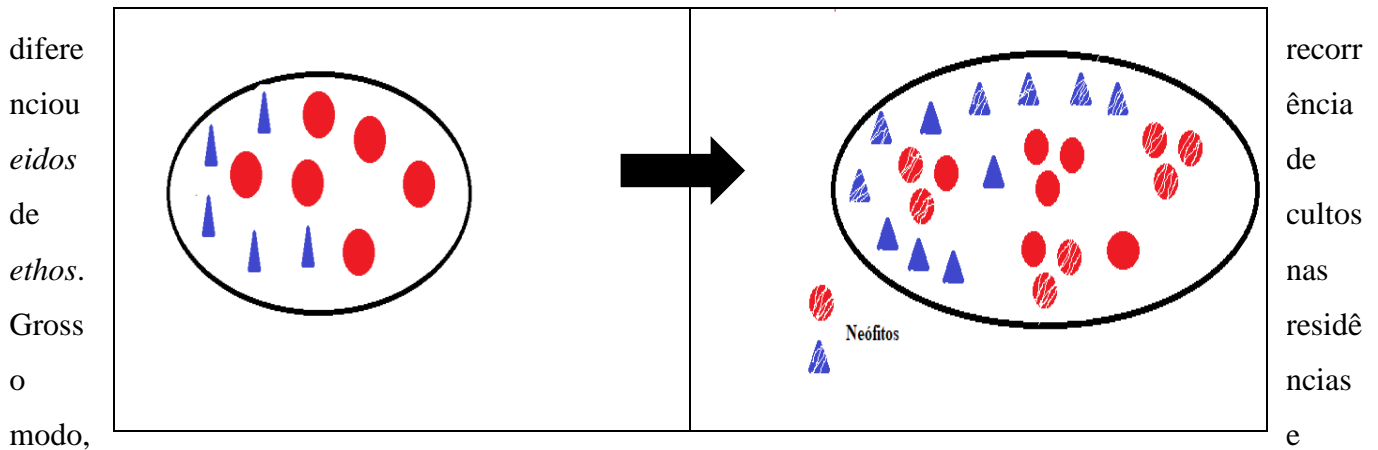
que se poderia chamar de complexo xamânico são indissociáveis (LÉVI STRAUSS, 1949, p. 194).

Gregory Bateson (1951) traz grande contribuição acerca da legitimação do real, demonstrando ser ela ancorada na crença.

La definición de una relación depende no meramente del esqueleto de eventos los cuales construye la interacción sino además sobre el camino que los individuos en cuestión ven e interpretan estos eventos. Esta visión o interpretación puede ser vista como la aplicación de un conjunto de proposiciones acerca del mundo y del mismo para quienes la validez depende de la creencia que los sujetos poseen de ellos mismos (BATESON, 1951 *apud* BASINI, 2015).

Bateson argumenta ainda “que o sistema de codificação e o sistema de valores são aspectos de um mesmo fenômeno central. Os valores são participados dentro de uma rede de percepção. Então, muitas vezes se codifica sem ver o real imediato e se apela a um referente disposto na bagagem da memória” (BASINI, 2015, p. 78).

Basini (2015) apresenta *uma estética do desaparecimento* em relação ao imaginário indígena, no contexto do estado nacional uruguaio. Neste sentido, difere em ao menos dois exemplos<sup>iv</sup> de como os sistemas de crenças não são meramente orgânicos, baseados naquilo que se vê ou não vê. É necessário que exista um processo de validação: *eidós e ethos*, respectivamente sistema de ideias e sistema de valores. Clifford Geertz (1989) distingue visão de mundo de *ethos*, enquanto Bateson (1951)



a ênfase nos aspectos cognitivos recai em *visão de mundo* e *eidos* enquanto *ethos* estaria associado a estilo de vida, aspectos afetivos, estéticos etc. (VELHO, 1991, p.122).

O *Sistema de crenças* compreendido como ideia de verdade, porém não aquela verdade aristotélica que adequa o ato de conhecer à coisa (“*Veritas est adaequatio rei et intellectus*”) responsável por criar preconceitos. No entanto, como sustentação e interpretação que como demonstrado nos exemplos de Lévi-Strauss (1949), Bateson (1951) e Basini (2015) precisam de contextos validáveis específicos.

## 2. MODELO DE CÉLULAS: ABRANGÊNCIA E RECORRÊNCIA NO CONTEXTO NACIONAL.

O Modelo de Células, que se aplica com um empreendimento em *tipo ideal* (WEBER, 1992), tem sua ênfase em cultos nas casas dos fiéis participantes da igreja, *células*. Esse modelo produz um sistema piramidal e propõe uma progressão geométrica da quantidade total de membros a partir das células. Caracterizado pela

ênfase no acompanhamento dos fiéis neófitos por fiéis que estão a mais tempo na igreja. Essa relação é denominada pelos participantes de *discipulado*<sup>v</sup>, forma de interação pessoal que gera laços cerimoniais, o primeiro é nominado de *discípulo* enquanto o segundo de *discipulador*. Embasando-se na seguinte premissa: para haver um crescimento espiritual os participantes da igreja devem compartilhar suas experiências com outras pessoas (*discipuladores*), serão esses responsáveis por acompanhar a caminhada espiritual. Nisso o fato religioso enquanto liga ou melhor re-liga (*religare/religião*) o natural ao divino, os homens entre eles (humanidade) com o sobrenatural, Deus. As *células* consistem basicamente em reuniões com liturgia diferenciada, o número de participantes, preferencialmente, inferior a 12 pessoas, realizada na casa dos fiéis, uma vez por semana e com objetivo explícito: esta célula “matriz” se reproduz na casa de outro membro, em uma busca constante por novos adeptos.

Etapas de funcionamento do modelo abaixo.

FIGURA 1: Célula 1 em etapa inicial e intermediária.  
Fonte: SOUSA, Diego (2018).

O esquema acima é útil para observarmos como se dão as etapas do modelo em cada célula. Na etapa inicial, primeira coluna, a “*célula 1*” possui apenas membros recorrentes da igreja (onze no total). Com o passar do tempo, cada um dos membros busca levar um neófito para a reunião, esse neófito é em geral um familiar ou vizinha, dessa maneira, logrando êxito na empreitada, aliás, algo entorno de seis meses, de modo que a célula segue à etapa seguinte. Na

etapa posterior, segunda coluna, a “*célula 1*” está prestes a multiplicar, isto é, virá a dividir-se, conseqüentemente, uma parte dos membros irá para uma nova residência e a outra permanecerá. Na etapa esboçada na segunda coluna (fase intermediária), a “*célula 1*” contém a junção de membros recorrentes (antigos) da igreja, assim como neófitos (recém chegados), ao total vinte e quatro membros.

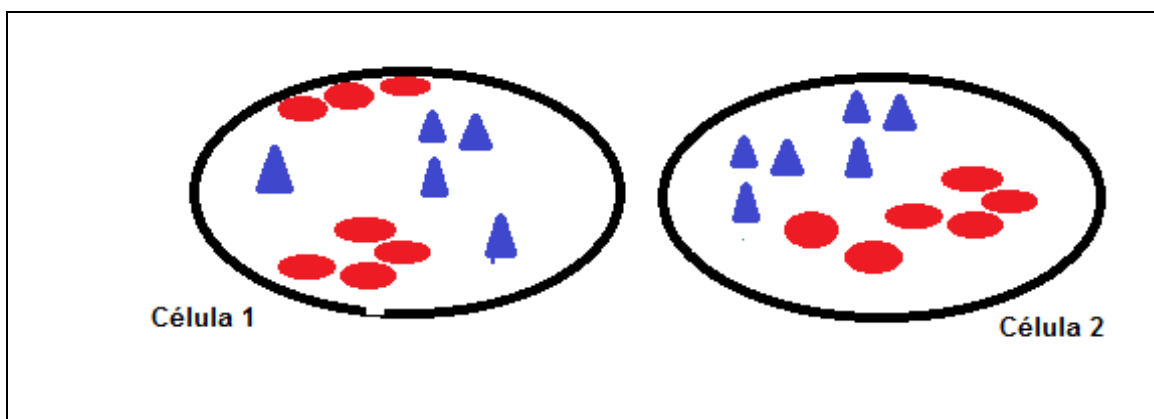


FIGURA 2: *Célula 1* dando origem a *Célula 2*, ambas com 12 membros.  
Fonte: SOUSA, Diego (2018).

Ocorrendo a multiplicação de células, cada célula ficará com doze membros, dividirão os membros entre as duas, tentando mesclar em cada célula, pessoas *recentes* e mais *antigas* na igreja, essas serão discipuladores daquelas, em uma relação *discípulo/discipulador*, onde a primeira repassa suas experiências a segunda.

O esquema ilustrado acima mostra a dinâmica do modelo geométrico o qual iremos analisar. O mesmo movimento tipo ideal, feito em cada célula elevará o número de células a

quatro e a quantidade total de membros a quarenta e oito. Este modelo difundido e praticado amplamente em várias igrejas no Brasil e na América Latina (ALVES, 2011; GOMES, 2010; ORO, 2008) foi formulado pelo pastor sul-coreano Yonggi Cho, reconhecido nessa rede de igrejas como pastor da maior igreja do mundo. A partir do modelo sul-coreano, foi disseminada na América Latina por Cesar Castellano Domingues e sua esposa Cláudia Castellano<sup>vi</sup>, fundadores da *Misión Cristiana Internacional* (MCI). No

Brasil, esse movimento ganhou espaço na década de 1990 e teve como propulsores o Pr. Renê Terra Nova e o Bispo Robson Rodovalho, respectivamente líderes do Ministério Internacional da Restauração, MIR (Manaus) e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (São Paulo).

Em igrejas organizadas a partir desse modelo geométrico, além dos cultos nos templos, ocorrem reuniões semanais na residência dos membros, *as células*. O objetivo dessa reunião é que cada participante leve um convidado e esse venha tornar-se membro da célula. Os participantes são o *anfitrião*, que cede sua residência; o *líder* responsável pela organização e pelo sermão, quem possui o maior prestígio dentro da célula. E na célula é quem contém o papel do “clero”, o “padre”, o “pastor”, está para a célula o que o pastor está para a igreja.

A célula também conta com um *vice-líder*, que além de auxiliar o *líder* será o responsável pela próxima *célula*, caso está se multiplique em outra célula e conseqüentemente vá para outra residência, as células possuem um nome que as identifica, a escolha do nome é feita pelos participantes, em geral a partir de referências bíblicas.

Cada um destes participantes (*anfitrião; líder e vice-líder, demais membros*) são responsáveis por levar um convidado para as reuniões semanais, agenciamento que no código confessional denomina-se *arregimentação*, seja um vizinho, amigo, parente. Assim que a célula alcance número superior a 12 pessoas, deve

ocorrer a *multiplicação*; isso porque o número de pessoas superior a este, na visão dos participantes, dificulta a interação no interior da célula. Então uma nova célula ocorrerá em outra residência, metade dos participantes ficaram na célula de origem e os demais devem participar da nova e novamente deverão levar outros convidados para que a atuação continue ocorrendo, assim como o crescimento numérico.

Mesmo que o termo “divisão” seja rejeitado taxativamente pelos participantes da igreja. É evidente que a ideia de *multiplicação* está próxima a noções de divisão. A existência de uma palestra específica para evitar o seu uso, expondo e vinculando a ideia de “divisão” a noção de “duas visões” e ao quão danoso pode vir a ser, sugere tentativa de controlar e proibir essa possibilidade, estabelecendo certo tipo de tabu.

Se por um lado ocorrem movimentos de expansão e *multiplicação* nesse modelo, mesmo que seja esse o sentido ideal e o que está em maior evidência, por outro lado, há ocorrência de *células* que deixam de existir, e com isso as pessoas de duas ou mais retornam a uma única *célula*. Esses dois movimentos mostram certa dinâmica de fissão e fusão. Movimento semelhante foi demonstrado por Meyer Fortes e Edward Evan Evans-Pritchard na obra *Sistemas Políticos Africanos* (FORTES E EVANS-PRITCHARD, 1981). A dinâmica de *multiplicação* das células elencadas neste texto, serve de aporte empírico para tentarmos alargar o conceito de *segmentação* que contribui ao

modelo analítico do sistema de células. Ao passo que notamos esse movimento como uma ideia intrínseca aos agrupamentos humanos e estando relacionados com processos de poder, desse modo, entendidos enquanto formas políticas no sentido amplo do termo.

### 3 PARENTESCO RELIGIOSO

A tabela abaixo produzida a partir da célula *Firmes na Rocha* elenca na primeira coluna os nomes de seus participantes, além de sua atribuição na célula. Já a segunda coluna expõe o parentesco consanguíneo e afim entre os participantes, e serve de base para tornar as redes de relações mais tangíveis.

	Membro	Parentesco Consanguíneo e Afim
Célula Firmes na Rocha	1. (Anfitrião) Judá <sup>vii</sup>	Pai de Carlos
	2. (Líder) Carlos	Filho de Judá
	3.(Vice-líder) Mirian	Esposa de Carlos
	4. (Secretária) Daniele	Filha de Judá
	5. (Membro 1) Vivian	Filha da Prima 2 de Judá
	6. (Membro 2) Rosa	Filha da Prima 2 de Judá
	7. (Membro 3) Elton	Filho da Prima 1 de Judá
	8. (Membro 4) Francisco	Primo de Judá

Os mapas e tabela apresentados foram formulados a partir de algumas das células. Podemos aferir deles duas informações, a primeira: o *modelo de células* se utiliza de alianças anteriores a ele, segundo o modelo reformula noções de parentesco, Mirian (*vice-líder*) é uma jovem senhora de 25 anos de idade, foi quem levou Carlos (*líder*, esposo de Mirian) para igreja, entre ambos há outras duas relações para além do casamento. Mirian é *Mãe na fé*<sup>viii</sup> de Carlos, e este é *líder* daquela na célula. Apenas na relação entre Mirian e Carlos existem *três tipos* de vínculos. O primeiro, a *aliança entre afins*: Mirian esposa de Carlos. Em uma relação que se propõe simétrica:

Mirian : Carlos :: Carlos : Mirian

O *segundo* vínculo entre Mirian e Carlos é de *filiação espiritual*, ou seja, por haver levado Carlos para a igreja, e inserido na dinâmica parental de ordem espiritual, com isso, Mirian assume um papel maternal. Além disso, podemos pontuar, nesse horizonte cristão o ritual do batismo é percebido como um novo nascimento. Assim sendo, do ponto de vista dessa relação Mirian está hierarquicamente acima de Carlos. A *terceira* é a vinculação entre Carlos e Mirian, está ainda mais intrínseca ao *modelo de células* (por ausência de um termo, chamarei de relação de *afinidade celular*). Carlos é *líder* da célula em

que Mirian é participante. Nesta relação, Carlos é hierarquicamente superior a Mirian, em uma relação de assimetria diretamente inversa à relação de *filiação espiritual*.

Mirian : Carlos (filiação espiritual) :: Carlos : Mirian (afinidade celular)

Inegavelmente o modelo de células se vale de redes de parentesco já estabelecidas, se tomarmos com exemplo outra célula que ocorre na residência da senhora Ana (anfitriã)<sup>ix</sup>, multiplicou para a casa da senhora Raquel (nova anfitriã), isto é, uma outra célula foi gerada.

Raquel e Ana são comadres, por aquela ser madrinha de casamento da filha mais nova desta. Essa aliança de apadrinhagem entre Ana e Raquel é anterior ao pertencimento de ambas à Igreja do Evangelho Quadrangular. O casamento da filha de Ana, ocasião que marcou a gênese dessa relação de compadrio, foi realizado em uma igreja católica, e os laços anteriores (compadrio) foram utilizados para nortear a multiplicação da célula, por conseguinte abertura de outra célula. (SOUSA, 2016, p. 48).

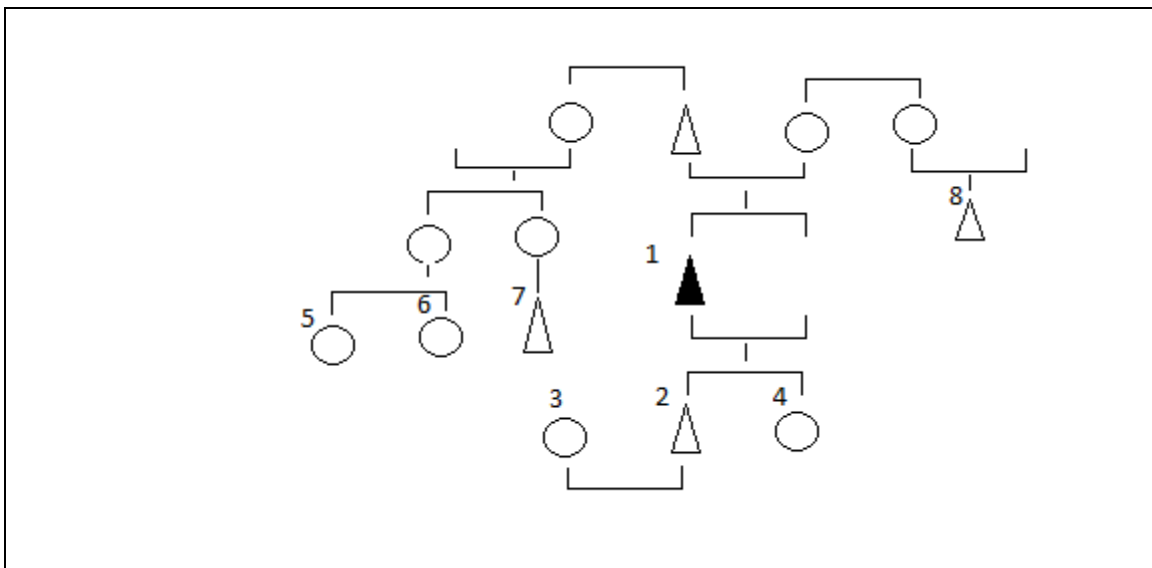


FIGURA 3: Mapa de parentesco consanguíneo dos participantes da célula *Firmes na rocha*.  
Fonte: SOUSA (2018).

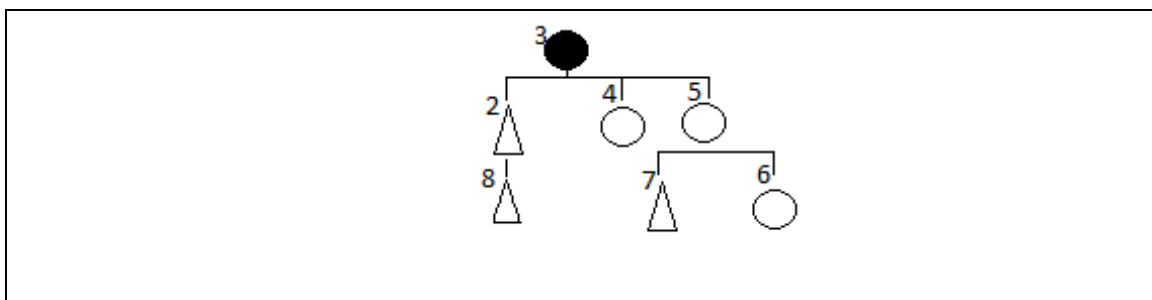


FIGURA 4: Mapa de parentesco religioso da célula *Firmes na rocha*.  
Fonte: SOUSA (2018).



Outro ponto a ser observado a partir de célula “Soldado de Cristo” é que o líder José (na casa de Ana), é *filho* religioso do filho consanguíneo de Ana. A célula Soldado de Cristo 2, que teve início após a multiplicação da primeira tem como participante Raquel (anfitriã) e seu esposo, além de José (líder) e sua esposa. Para além da nítida sobreposição de formas de

parentesco, notamos sua utilização na operacionalização das multiplicações, assim como, dos espaços ocupados. Devemos pontuar que as relações dentro da célula são de outra ordem (religiosa) que, ao mesmo reforça laços já existentes como também gera novas redes de relações, conforme ilustra esboço abaixo:

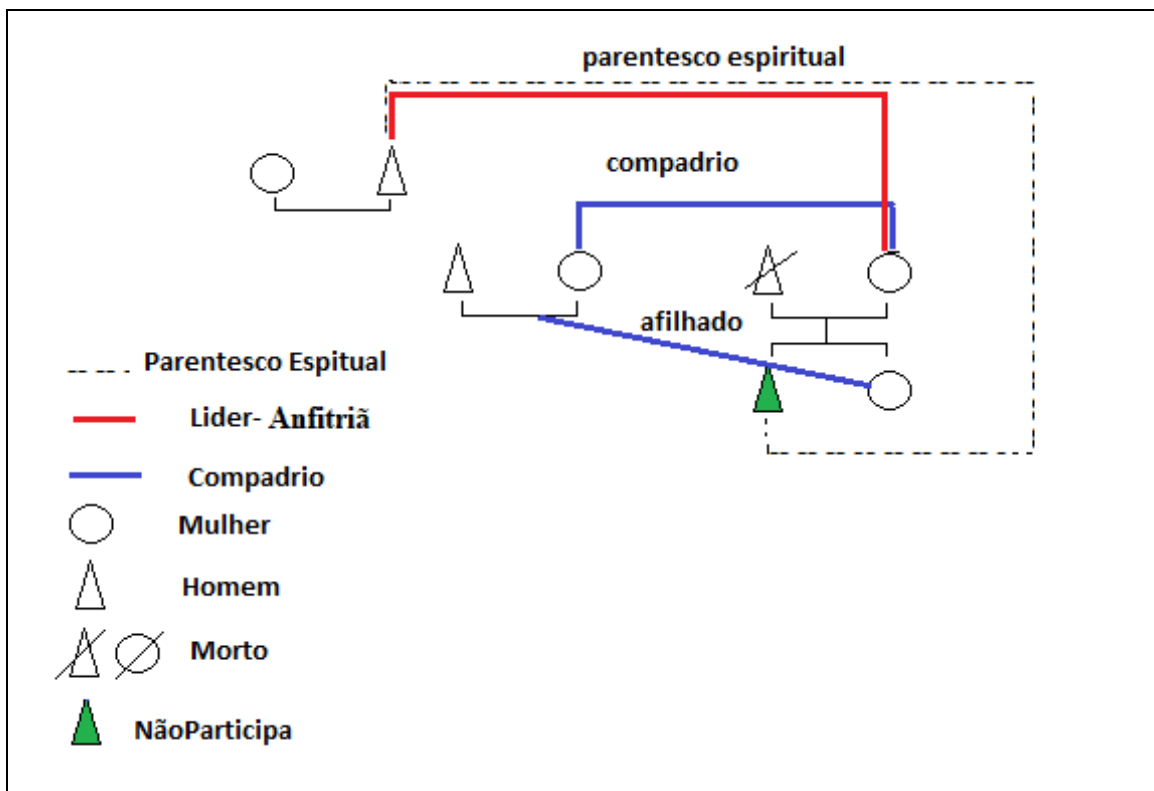


FIGURA 5: Mapa de relações de Parentesco na célula Soldado de Cristo.

Fonte: SOUSA, Diego (2018).

O mapa de parentesco da *célula* esboçado abaixo é resultado de uma multiplicação ocorrida na célula anterior. O núcleo formado por dois casais, José, filho espiritual do filho consanguíneo de Ana, veia a ser líder da célula na casa de Raquel, gerando um vínculo de Líder-Anfitriã (José-Raquel). A anfitriã da célula 1 é comadre da anfitriã da célula 2 (Ana-Raquel). O

esposo de Raquel torna-se *discípulo* de José. Assim como a esposa de José torna-se *discipuladora* de Raquel. Ambas as células, ainda se consideram parte da outra, ao menos a cada três meses ocorre uma reunião conjunta entre as mesmas, alternando na casa de uma e outra mostrando um movimento de fissão e fusão. Havendo alguma festa ou comemoração na igreja essas células podem se unir e fazerem



prática de cultos domésticos como a causa do seu crescimento. Por conseguinte, um retorno a tais práticas é visto como forma de alcançar os mesmos resultados. Em um movimento mental, que preconiza causas semelhantes, produzirá efeitos semelhantes, enfatizando novamente o caráter preponderantemente mágico presente em análises desde Sir James Frazer, a noção de *similaridade*, em que o semelhante produz semelhante (FRAZER, 1982, p. 80). Essas constatações demonstram o caráter mágico-religioso contido nas atuais igrejas pentecostais.

Esse modelo, é adotado por vários grupos e igrejas evangélicas no Brasil (GOMES, 2010; ORO, 2008) e “entre eles, alguns históricos, como batistas, presbiterianos e neopentecostais, e pentecostais como a Igreja do Evangelho Quadrangular e uma diversidade de grupos independentes” (SILVA DIAS, 2009, p. 2). O *modelo de células* está ligado a uma forma específica de organização eclesiástica com surgimento nos anos de 1990, idealizado pelo casal Cezar e Claudia Castellano no formato de célula no Modelo dos 12. Nesse modelo de igrejas, cada um de seus participantes deve se propor a atuar como um mestre de outros doze, ensinando a atuação dentro e fora da igreja, em uma relação de paternidade espiritual, de doutrinação e repasse de experiências, formato do *discipulado*<sup>x</sup>.

## 5 COMPARAÇÃO ENTRE A ESTRATÉGIA DO “MODELO DE CÉLULAS” E A “ARREGIMENTAÇÃO DE VOTOS”

A tática de arregimentação de votos para a campanha político partidária é muito semelhante à forma do trabalho praticado através do “*modelo de células*”, o qual a igreja adotou para sua organização eclesiástica. Nasce, então, a hipótese norteadora do presente trabalho. Ao presenciar as estratégias que seriam utilizadas nas eleições do ano de 2014, ficou claro o motivo da insistência dos líderes da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) exposta em seus discursos, a saber, necessidade imprescindível da participação de todos os *líderes de célula* nas reuniões de arregimentação. Seria pelo fato dos *líderes de células* serem os que estão mais próximos dessa atuação dentro da igreja? Ou por ser quem possui o melhor treinamento para uma campanha política na procura de votos? Os líderes de células estão mais familiarizados com o empreendimento proselitista, possuem carisma e liderança sobre um determinado quantitativo de pessoas. São aqueles que aglutinam parte da membresia através de redes sócio parentais e recebem treinamentos periódicos da igreja, conseqüentemente estando mais próximos da administração eclesial.

### 5.1 Transformação, Mudanças e Diferença na Doutrina Evangélico-Pentecostal

São constantes e preponderantes, criando condições para que os grupos evangélicos possam existir, nesse contexto, as recorrentes transformações são traduzidas como *avivamento*

ou ainda *reavivamento*. Como pontua Carlos Tadeu (SIEPIERSKI, 2001), em sua tese sobre a Igreja Renascer, “a religiosidade brasileira sempre demonstrou um dinamismo, foi na segunda metade do século XX, que as mudanças se acentuaram”. (SIEPIERSKI, 2001, p. 8).

Essas mudanças são na maioria das vezes consideradas como retomada aos tempos neotestamentais. A contemporaneidade dos acontecimentos bíblicos, como as Profecias, discursos sobre coisas futuras ou não conhecidas pelos demais, como mostra alguns livros da bíblia, como por exemplo, inclusive o Livro de Ezequiel, e do Apocalipse, livros com o caráter escatológico, e marcados por perseguições e milagres as curas pela fé, unção de óleos, sal, roupas, glossolalia (falar em línguas); palavras inaudíveis, interpretada apenas por pessoas possuidoras do “dom de interpretação” atribuição “concedida pelo Espírito Santo”.

Os “avivamentos”, segundo Almeida (2004), são uma herança desenvolvida pelos protestantes dos Estados Unidos, com certa ênfase comportamental e principalmente emocional, “os ‘avivamentos espirituais’ (*revivals* que se configuram como êxtase religioso decorrente de momentos coletivos de efervescência *da fé*)”. Trata-se de períodos históricos caracterizados por intensa propagação dos dogmas cristãos, além de busca de êxtase como fuga do mundo pela expectativa escatológica<sup>xi</sup> ou fim do mundo terreno. (ALMEIDA, 2004, p. 39).

## 5.2 Espaços Políticos e Luta por Território

Como afirma Ricardo Mariano (2004 & 2013), o número de cristãos pentecostais tem apresentado um crescimento vertiginoso e sua abrangência resultou em uma “inédita” corrida nas eleições presidências de 2010, onde os presidenciáveis no segundo turno percorreram o Brasil fazendo alianças com líderes dessas denominações (SANTOS SILVA, 2011; GONÇALVES, 2011). Mariano ao analisar o caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) aponta ainda que a expansão pentecostal ocorre

de modo constante já há meio século, o que permitiu que o pentecostalismo se tornasse o segundo maior grupo religioso do país. Mas seu avanço não é expressivo apenas nos planos religioso e demográfico. Estende-se pelos campos midiáticos, político partidário, assistencial, editorial e de produtos religiosos. Seus adeptos não se restringem mais somente aos estratos pobres da população, encontrando-se também nas classes médias, incluindo empresários, profissionais liberais, atletas e artistas. Ao lado e por meio disso, o pentecostalismo vem conquistando crescente visibilidade pública, legitimidade e reconhecimento social e deitando e aprofundando raízes nos mais diversos estratos e áreas da sociedade brasileira. (MARIANO 2004, p. 121). 178

O sociólogo Peter Berger (2010) aponta que os evangélicos protestantes e os “fundamentalistas” islâmicos, são as duas forças florescentes que demonstram com mais ênfase como mundo contemporâneo é fortemente dessecularizado, ou seja, tendem a combater a ideia de secularização. A teoria da secularização, isso é, “a modernização leva necessariamente a

um declínio da religião, tanto na sociedade como na mentalidade das pessoas” (BERGER, 2000 p. 10).

Nessa perspectiva, o protestantismo e o islamismo demonstram a falácia de uma secularização do mundo moderno. Seria a ocupação de espaços políticos por representantes dessas igrejas do modelo celular, um exemplo do que Berger chama de falácia da secularização. Este mesmo autor demonstra a necessidade de “uma abordagem matizada e caso a caso” para identificarmos com mais clareza o local da religião no mundo atual; e afirma ainda que questões religiosas são cruciais para compreendermos fatos contemporâneos.

### 5.3 Representação Política e Imaginário Pentecostal

A democracia tende a ser um dos elementos mais característicos das sociedades ocidentais, o sufrágio universal sendo evidência de uma dominação estatuída, “lei”, “norma”, seu ideal seria agir sem a influência de sentimentos ou motivos pessoais. “As associações políticas modernas constituem os representantes mais conspícuos do *tipo ideal burocrático/legal*” (WEBER, 1991, p. 129). A atualidade da obra de Max Weber é inegável, o passo metodológico de identificar em um tipo ideal burocrático weberiano, como o caso da democracia, a presença de formas de dominação carismáticas e tradicionais é premissa básica para tentar compreender os limites e rupturas que envolvem

a presença de religiosos nas esferas político-administrativas do Estado. A dinâmica social do sistema de crença, aqui analisados, nos coloca essa ambiguidade.

Márcio Goldman (2006), no livro “*Como Funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*”, ao analisar o sistema político atual a partir das experiências de eleitores, mais também de líderes de movimentos culturais de Ilhéus, cidade do sul da Bahia. Apresenta não apenas o ponto de vista dos nativos “mais avalia de que modo esse ponto de vista pode nos conduzir a uma apreensão propriamente antropológica do fenômeno contemporâneo da democracia” (SZTUTMAN, 2007, p. 851).

Entre os grupos pentecostais do qual a Igreja do Evangelho Quadrangular faz parte, convive a crença de que existem demônios territoriais e hereditários agindo sobre as áreas geográficas e familiares, sendo esses demônios os responsáveis por todos os males que assolam a humanidade. E devem ser expulsos (exorcizados) para que ocorra a “libertação” de um indivíduo. Da mesma maneira, a igreja conseguindo estar em espaços em que anteriormente não conseguiria, por outrora estarem assolados por “forças malignas”, é visto como a conquista através de “atos de fé” inclusos como parte da “guerra santa”. Assim as casas que possuem uma *célula*, as ruas que são citadas nas orações, os cargos públicos que são almeçados exprimem essa pretensão de conquista de espaços, que começa nas casas dos seus membros, ruas, praças e expandem-se até as

assembleias legislativas e demais cargos públicos.

Estes atos tornam visíveis as ações das igrejas através de “batalhas espirituais”, exemplo maior disto em nossa opinião, são as “marchas para Jesus” passeatas organizadas em tom de protesto, por igrejas pentecostais anualmente, em diversas cidades do Brasil. Sendo exemplo de que fatos religiosos não podem ser separados do ciclo das ações habituais, e que as ações religiosas estão orientadas para este mundo (WEBER, 2000, p. 291). A “guerra ou batalhas espirituais”, assim com a “teologia da prosperidade” são características distintivas das atuais igrejas pentecostais (acrescidas ou não dos prefixos neo ou pós). Fixo aqui meu foco às “guerras espirituais” tanto pelo fato do recorte metodológico aqui assumido, como por entender que a “teologia da prosperidade” é encarada pelos evangélicos como uma forma de “batalha espiritual”.

A crença na existência de um mundo que vive em uma constante batalha contra seres demoníacos é expressa na bíblia cristã:

Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. (BÍBLIA, Ef. 6:12).

Nessa leitura, tais seres “espirituais da maldade” agiriam no mundo, inclusive na política, causando problemas para o país. “A solução dos problemas brasileiros estaria na eleição de fiéis para os cargos públicos. Em seus

postos eles neutralizariam as ações dos demônios, trazendo assim saúde e prosperidade para todo o país.” (SIEPIERSKI, 1997, p. 54). Essa premissa do pensamento pentecostal tem ganhado força dentro das igrejas e sua organização em “células” tem influenciado na conquista de alguns dos cargos públicos principalmente do legislativo e nas esferas municipais, estaduais e federais no território brasileiro, como demonstra os trabalhos de Gonçalves (2011), Copelli (2014) e Oliveira (2012).

O argumento que traço aqui é similar ao que Goldman (2006) propôs a partir dos interlocutores ilheenses, os pentecostais da Igreja do Evangelho Quadrangular em Santarém propõem um novo olhar à democracia representativa, posto que reproduzem no “mundo terreno” a *batalha*

travada no plano astral, [...] à eleição de fiéis para os cargos públicos, com o intuito de neutralizar as ações dos demônios, a atuação do fiel neopentecostal não fica restrita à rotina dos templos e à obediência dos preceitos deste segmento religioso: vai além. Vai às urnas. (COPELLI, 2014, p. 9).

E essa postura, assemelha-se ao que Weber (2000) menciona sobre os fatos religiosos serem consoantes a este mundo, e suas ações corriqueiras. Assim os pentecostais refletem no mundo cotidiano a luta que acreditam travar no mundo “espiritual”, as células que estão no cotidiano do fiel da igreja, reflete no cotidiano do eleitor que vai a urna. As células se transformam no palco de lutas políticas

partidárias, em meio as batalhas espirituais de um universo complexo de fatores de um sistema de crenças que são comuns nas igrejas pentecostais.

## 6 PENTECOSTALISMO TRADICIONAL E NEOPENTECOSTALISMO

Os estudos sobre o campo religioso brasileiro percebem os pentecostais como o grupo mais abrangente dos últimos anos. (ALMEIDA & MONTEIRO, 2001; ALMEIDA, 2006; MARIANO, 2013; SIEPIERSKI, 2001). Já na Constituição de 1988 sua presença maciça foi percebida na política<sup>xii</sup>. No campo religioso sua ascensão numérica estava entre os pentecostais, no entanto suas práticas diferiam de suas predecessoras. Na ênfase na batalha espiritual, na luta contra o mal e na teologia da prosperidade.

Os pesquisadores que abordaram o fenômeno das novas igrejas pentecostais procuraram tipologizar o pentecostalismo brasileiro para entender as continuidades e rupturas desse movimento. Mariano (1999: 23- 49) faz um balanço crítico das principais tipologias apresentadas, apontando suas inconsistências e imprecisões. Propõe ele então classificar os pentecostais em “clássicos, neoclássicos e neopentecostais”. Também acentua que o termo “neopentecostal” tem sido empregado com imprecisão, mas aceita-o por ser aquele “que mais vem ganhando terreno nos últimos anos entre os pesquisadores brasileiros para classificar as novas igrejas pentecostais”. Ora, a quantidade de tipologias propostas e as discussões em torno delas reflete a tensão em lidar com esse novo fenômeno. Apesar disso, há um razoável consenso no sentido de que essas novas igrejas mantêm muitas das ênfases principais das igrejas pentecostais mais antigas, muito embora

acrescentem elementos totalmente inovadores. (SIEPIERSKI, 2001 p. 7).

Esses momentos foram chamados pela literatura sociológica da religião de “três ondas do pentecostalismo brasileiro” (FREESTON 1993 *apud* ALMEIDA, 2006, p. 1). Ronaldo Almeida (2006) em sua análise sobre as rupturas e continuidades do campo religioso protestante pentecostal brasileiro afirma:

[...] ainda não surgiu uma nova inflexão tão significativa no interior deste segmento que pelo menos tenha se consolidado. Não há recentemente nada mais impactante do que a mudança no final dos anos 70 e 80 entre os pentecostais e de forma mais alargada entre os evangélicos. (ALMEIDA, 2006, p. 2).

No entanto durante o início da década de 1990 surge e ganha visibilidade no cenário nacional as igrejas no *modelo de células*. Caracterizado pela recorrência de cultos nas residências, ênfase no acompanhamento dos fiéis por outros fiéis, através do *discipulado*, se embasa na premissa que para o crescimento espiritual os participantes da igreja devem compartilhar suas experiências com outras pessoas que serão responsáveis por acompanhar na sua caminhada espiritual.

Percebemos que o pentecostalismo é repleto de diferenciações, reelaborações de suas práticas e ênfases diferenciadas na forma de crer. Notamos que as práticas adotadas pelas *igrejas em células* reformulam as práticas religiosas - batalha espiritual como conquista de território (casa, ruas e instâncias políticas) - e servem de

modelo para se entender o atual momento das igrejas pentecostais no Brasil.

## 7 MODELO DE CÉLULAS COMO CHAVE EXPLICATIVA E RUPTURA TEÓRICA

Formulamos esse argumento a partir da contextualização de Ronaldo de Almeida (2006). É importante salientar que a publicação é fruto de um seminário promovido pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) Assessoria evento ocorrido em 2004<sup>xiii</sup>. O evento teve como tema "O campo das religiões no Brasil: continuidades e rupturas"<sup>xiv</sup>. O ISER/Assessoria é responsável pela revista *Religião e Sociedade*<sup>xv</sup> uma das principais publicações acadêmicas na área das Ciências Sociais. A conjuntura demonstrada por Almeida (2006), a saber, os evangélicos pentecostais nas classificações usuais estão ao lado dos protestantes históricos e em oposição ao catolicismo no interior do cristianismo. Contudo é difícil adequar algumas instituições como o caso da Igreja Universal do Reino de Deus sem extrapolar esse campo classificatório. Para isso ao invés de pensar em "continuidades e rupturas" Ronaldo Almeida, prefere tratar esse campo como local de "circulação e flexibilidade": "circulação de ideias e práticas religiosas para além das fronteiras institucionais e flexibilidade no vínculo institucional." (ALMEIDA, 2006 *apud* PIERUCCI & PRANDI, 1996).

Inegavelmente ocorre essa "circulação e flexibilidade" acredito que este trabalho contribui nesse sentido. Contudo do ponto de

vista teórico é necessário contextualizarmos e demarcamos alguns pontos. Pois se há uma circulação e flexibilidade a notarmos, também continuam a ocorrer rupturas e continuidades. Essa escolha deve ser entendida como possibilidade de compreensão a tomada de espaços políticos por essas igrejas, que surgem no Brasil justamente após o período elencado por Ronaldo Almeida: "Não há recentemente nada mais impactante do que a mudança no final dos anos 70 e 80 entre os pentecostais e de forma mais alargada entre os evangélicos" (ALMEIDA, 2016, p. 2). As igrejas estruturadas em Modelo de Células surgem no país no início da década de 1990 (ORO 2008; SILVA DIAS, 2009; GOMES 2010). Nesse período houve um significativo aumento no número de adeptos das igrejas pentecostais no campo religioso brasileiro.

182

Os principais responsáveis por tal sucesso proselitista foram os pentecostais, que cresceram 8,9% anualmente, enquanto os protestantes históricos atingiram a cifra de 5,2%. Com isso, os pentecostais, que perfazem dois terços dos evangélicos, saltaram de 8.768.929 para 17.617.307 adeptos (ou seja, de 5,6% para 10,4% da população) de 1991 a 2000, ao passo que os protestantes históricos passaram de 4.388.310 para 6.939.765 (de 3% para 4,1%). [...] As cifras mencionadas indicam que, nesse período, as igrejas pentecostais souberam aproveitar e explorar eficientemente, em benefício próprio, os contextos socioeconômico, cultural, político e religioso do último quarto de século no Brasil. Nesse sentido, cabe destacar, em especial, a agudização das crises social e econômica, o aumento do desemprego, o recrudescimento da violência e da criminalidade, o enfraquecimento da Igreja Católica, a liberdade e o pluralismo religiosos, a abertura política e a redemocratização do Brasil, a rápida difusão



dos meios de comunicação de massa. (MARIANO, 2004, p. 122).

Notamos que na última década do século passado, o número de adeptos do pentecostalismo praticamente dobrou, justamente no momento de formação das igrejas organizadas a partir do Modelo de Células. Acredito que estamos diante de mais um dos contextos que produziram esse crescimento demográfico. Que pese a relativização dos dados demográficos levantados, assim como da narrativa aqui formulada. No entanto podemos notar um entrecruzamento dessas informações que dão suporte para nossa hipótese. As igrejas baseadas no Modelo de Células têm foco em uma “batalha espiritual”, contudo essa batalha envolve espaços e territórios diferenciados em sua concepção. Mesmo que já ocorressem cultos nos lares esses foram ressignificados. Outro aspecto vinculado a esse modelo é o acompanhamento dos neófitos através do *discipulado* que rompe com o modelo das demais igrejas e é suporte para a multiplicação das células.

Esses dois pontos de inflexão percebidos aqui demonstram uma forma diferenciada das práticas protestantes pentecostais no campo brasileiro. Estão de acordo com as ideias de “circulação e flexibilidade” elencadas por Ronaldo Almeida (*apud* Pierucci & Prandi, 1996), já que há uma circulação das práticas e ideias contidas na crença das “batalhas espirituais” e a flexibilização entre diversas igrejas, sejam protestantes históricas, pentecostais ou neopentecostais, como podemos

perceber na difusão do modelo. Conjuntamente, por outro lado, seguem uma lógica de rupturas e continuidades com as imagens de “ondas” do pentecostalismo, classificação propostas por Freston (1993) e amplamente aceita por pesquisadores do campo religioso brasileiro, a proposta demonstra a ocorrência de diferenças internas e ordena com base em critérios históricos ou periodizações, e distinção teológica e comportamentais. (MARIANO, 2004, p. 123; FRESTON, 1993 *apud* ALMEIDA, 2006, p.1).

A emergência das igrejas em Modelo de Células discutido aqui também aludi a periodizações, suas ênfases teológicas diferenciadas, mesmo ocorrendo grande difusão entre diversas igrejas encontrou dificuldades de ordem doutrinária ou teológica. O processo denominado de *celularização* das igrejas, isso é um processo de ressignificação teológica que reelabora a forma organizacional das igrejas para o modelo de células. Essa reelaboração gera certa divergência entre algumas igrejas e pastores, caso mais emblemático é Márcio Argachof teólogo que faz críticas ao modelo de células principalmente ao G12, dizendo que tal modelo não teria embasamento bíblico e teológico<sup>xvi</sup>. Contudo a expansão e abrangência dessa forma organizacional por diversas igrejas das mais diferentes posições teológicas são suporte para pensarmos nesse movimento enquanto uma forma diferenciada de ação, que pode ser chave para novas análises acerca de movimentos pentecostais e religiosos no Brasil. Ao apresentar o modelo de células como

diferenciado em termos organizacionais e teológicos, assim como apontar sua periodicidade acredito dar informações e construir uma outra forma de categorizar as igrejas pentecostais no Brasil, que responde aos princípios metodológicos utilizados na demais classificações ao mesmo tempo que se contrapõe as classificações anteriores.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar essa análise como historicamente situada, e parte de uma narrativa referente as igrejas pentecostais no Brasil, é necessário entendermos esse processo como um conjunto de fatores que se entrelaçam. O uso de espaços urbanos como forma de expansão de uma religião que marca em certa medida um discurso de expansão colonial (ou pós-colonial) é aqui demonstrado como recente. Os mecanismos organizacionais das igrejas são reformulados para um modelo que busca o crescimento numérico dos membros. O discurso de crescimento do alcance de pessoas pelo cristianismo por outro lado não é novo.

Para o modelo de células e a Igreja do Evangelho Quadrangular serem inteligíveis é necessário uma ressignificação dos relatos bíblicos. Ambas necessitam de um sistema de crenças que valide essas transformações, que estão para além de questões orgânicas. Essa ressignificação passa por uma análise dos textos bíblicos como base para experiências vividas no interior das igrejas. A análise dos textos bíblicos

remete a reforma protestante protagonizada por Martinho Lutero no século XVI.

Essa ênfase dada é necessária para demarcar que no decorrer dessa análise percorre se um caminho não linear nem pontual. Contudo feito por meio de relatos dos interlocutores ativos e organizados por um sujeito que tenta através de métodos objetivos formular uma narrativa que se sustente. As formas como exponho a hipótese do argumento devem ser entendidas como proposições pontuais que objetivam compreender melhor as assim chamadas igrejas pentecostais em suas diferentes ramificações. O modelo de células é bastante recorrente nas diferentes igrejas protestantes no Brasil, sua difusão nos anos de 1990 influenciou várias igrejas no cenário nacional, sejam elas protestantes históricas, pentecostais ou neopentecostais. As várias análises que tocam o tema “Modelo de Célula”, não o tomam em seu aspecto central, contornam a temática e apenas mencionam essa característica. Noto também, que os vários estudos acerca das igrejas pentecostais têm como tema principal a “Teologia da Prosperidade” por isso há uma gama de estudos acerca da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD. Esse tema tem influenciado igrejas em debates doutrinários e também, por outro lado, atraído a atenção de pesquisadores ao tema, certamente a teologia da prosperidade e as análises acerca de igrejas que exacerbam essa prática influenciam a produção de muito dos estudos. Nesse sentido movimento similar ocorre com as igrejas em Modelo de

Células que vem influenciando as demais igrejas seja no campo doutrinário ou institucional.

Para além da descrição das igrejas em células seu uso nas disputas eleitorais e dos argumentos expostos anteriormente, concluo essa análise demonstrando que igrejas que possuem o modelo de células, isso é, *organizam-se em torno de reuniões semanais em residências e possuem o acompanhamento dos membros denominado de discipulado como forma de batalha espiritual*, é uma categoria que dentro do campo teórico se sustenta como um outro momento das religiosidades cristã no Brasil, compreendê-lo é importante para melhor analisar a atual conjuntura político social. Ressalto ainda que essa não é a única maneira de perceber a tomada de espaço pelas igrejas protestantes em suas disputas religiosas por adeptos ou ainda casas, ruas, assembleias e etc., que as igrejas em células não se vinculam a uma única forma de utilização dos espaços.

Outro importante aspecto a ser pontuado é que o modelo de células é praticado por diversas igrejas ou denominações religiosas que adequam o modelo a suas ênfases teológicas e comportamentais. As análises formuladas aqui são baseadas em experiências referentes a estudo e sistematização da Igreja do Evangelho Quadrangular na cidade de Santarém, no estado do Pará, contudo encontra aspectos recorrentes em outras igrejas que tomam como prática o modelo de células.

E para concluir, ainda acerca da recorrência de análises referentes as igrejas

pentecostais, ao que diz respeito a “teologia da prosperidade” e sua possível “ausência”, reafirmo: compreendo esta no horizonte dessa cosmologia como sendo parte de uma batalha espiritual por espaços e territórios. Sendo a noção de batalha espiritual, a meu ver, mais abrangente, estando vinculado a tomada de espaços, por conseguinte, ao Modelo de Células.

A cerca da escolha teórica por *Sistemas de Crenças*, ao invés de *religião*, *religiosidade*, ou ainda sistema *mágico-religioso*, tal opção se dá, pelo fato de o sistema de crenças ser um modelo heurístico de validação social mais abrangente que os demais. O sistema de crenças pode ser aplicado a diferentes sistemas, por exemplo, político, parentesco e não apenas religioso confessional, o que nos possibilita melhor reflexão.

185

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. Traduções do Fundamentalismo Evangélico In: WRIGHT, Robin (Org.). **Transformando os deuses VII: Igrejas Evangélicas, pentecostais, neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 33-54.
- ALMEIDA, Ronaldo. "A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade" pp 1-16. In: F. Teixeira e R. Menezes (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, jul./set. 2001. p. 92-100.

ALVES, Daniel. **Conectados pelo Espírito**: Redes de contato e influência entre líderes carismáticos e pentecostais ao Sul da América Latina. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

ANDRADE, Eliana Santos. **A visão celular no governo dos 12**. Estratégias de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2010.

ARGACHOF, Márcio. **G12**: O fruto do engano no Corpo de Cristo. Revisores Teológicos: Pr. Alexandros D. Meimaridis e Pr. Magno Paganelli. Estudo teológico, s/d.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BASINI, Jose Exequiel Rodriguez. Algumas Considerações Teóricas e revisão das referências. In: **Índios num país sem índios** – A estética do desaparecimento: um estudo sobre imagens índias e versões étnicas. Manaus: Editora Travessia, 2015.

BATESON, Gregory. **Espiritu y Naturaleza**. Buenos Aires: Amorrortu, 2002.

\_\_\_\_\_. “Information and Codification: a philosophical approach” (cap 7). “Conventions of communication: where validity depends upon belief”. (cap 8). In: Jurgen Ruesch e G. Bateson. **Communication: the social matrix of psychiatry**. New York: W.W, Norton & Co., 1987.

Bíblia Online. Almeida, João Ferreira. Corrigida e Revisada. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: ed. UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: **O Poder Simbólico**. tradução Fernando Tomaz-15 ed.- Rio de Janeiro, Brasil, 2011.

COPELLI, Giancarlo Montagner. Neopentecostalismo E Democracia No Brasil: Entre Os Eleitos De Deus, Há Espaço Para Os Iguais Da Democracia? In: **Revista Jurídica Direito, Sociedade e Justiça**, v 1 n 1 (2014): edição de 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/RJDS/J/article/viewFile/4160/2105>>.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOLDMAN, Marcio. “O Fim da Antropologia”. **Novos Estudos CEBRAP**, 89:195-211, 2011.

\_\_\_\_\_. “Segmentaridades e Movimentos Negros nas Eleições de Ilhéus”. **Mana**. Estudos de Antropologia Social 7 (2): 57-94. 2001.

GOMES, Elias Evangelista. Pastores e ovelhas os sujeitos na socialização no aprisco do Senhor. In: **Ensaios etnográficos sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé**: “vem, você vai gostar!” São Paulo: 2010.

\_\_\_\_\_. **Como funciona a democracia**: uma teoria etnográfica da política. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

GONÇALVES, Religião e representação política: a presença evangélica na disputa eleitoral brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, N. 116, p 13 a 20. 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Linguística e Antropologia". In Lévi-Strauss, C. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012. pp. 79-93.

\_\_\_\_\_. “A eficácia simbólica”. In: **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975, pp. 215-236.

\_\_\_\_\_. “Natureza e cultura”. In **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 41-49.

MARIANO. Ricardo. MUDANÇAS NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO NO CENSO 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados** 18 (52), p 121-138, 2004.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Magia e Religião na Umbanda. **Revista da USP**, n. 31, São Paulo, set/out/nov, 1996.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Entrevista realizada por Priscila Faulhaber, Rio, **BIB** n 48 2º semestre de 1999, pp 3-14

PEIRANO, M. Etnografia não é método. In: **Revista Horizontes Antropológicos**. Ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SANTOS SILVA, Paolo dos. Política e religião: as eleições presidenciais de 2010. **Anais XII Salão de Iniciação Científica** – PUCRS, 03 a 07 de outubro de 2011.

SEEGER et al. 1987. “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”. In: **Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Marco Zero/Editora UFRJ, pp. 11-29.

SILVA DIAS, Caroline Luz. **187** Neopentecostalismo e “visão celular no modelo dos 12”: novas formas de ser protestante no brasil. **ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História** – Fortaleza, 2009.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **“De Bem com a Vida”**: O Sagrado num mundo em Transformação – Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo, e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea. Tese de doutorado em Sociologia – FFLCH/USP, 2001.

SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Erasmo botou o ovo que Lutero chocou: A contribuição da obra literária de Erasmo de Roterdã ao início da Reforma Protestante PLURA, **Revista de Estudos de Religião**, vol. 7, nº 1, 2016, p. 268-291.

\_\_\_\_\_. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. In: **Estudos Teológicos**. v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997.

SOUSA, Diego D. S. **Sistema de crenças e socioespacialidade no baixo e médio Amazonas: um estudo sobre o modelo de células na Igreja do Evangelho Quadrangular em Santarém-Pará**. 2018. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas. Manaus 2018.

VELHO, G. Indivíduo e Religião na Cultura Brasileira Sistemas Cognitivos e Sistemas De Crença. **Novos Estudos**, Nº31 pp 121- 129 — OUTUBRO DE 1991

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**, parte 1 e 2. São Paulo: Cortez; Campinas: EDUNICAMP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da Religião**. In Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn, 4ª edição, Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.

WRIGHT, Robin. Kapfhammer,. Introdução. In: WRIGHT, Robin. (Org.) **Transformando os deuses VII: Igrejas Evangélicas, pentecostais, neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 11-33.

## NOTAS

<sup>i</sup> Doutorando em Antropologia Social na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre em Antropologia

Social, Universidade Federal do Amazonas - PPGAS/UFAM. Membro do Laboratório de Estudos Panamazônicos: Práticas de Pesquisa e Intervenção Social - LEPAPIS. Pesquisador na Área das Religiões Pentecostais entendido como Sistema de Crenças. Graduado em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) - 2016. Experiência em acompanhamento de alunos indígenas no Ensino Superior por meio de projeto de iniciação à docência e monitoria. Atualmente docente do Curso de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde e Agentes Indígenas de Saneamento - Ministério da Saúde, UFAM, ETSUS - Unisol. Formação Complementar em Saúde Indígena (UNIFESP) e Atenção Básica em Saúde.

<sup>ii</sup> Categoria êmica, utilizada pelo pastor superintendente em cultos na igreja. Quando fazia o convite para essas reuniões que aconteciam em locais externos à igreja, segundo os líderes da IEQ “para evitar a participação de pessoas contrárias a esse tipo de trabalho político partidário da igreja”. Acrescenta-se a isso o fato de que neste período - primeiro de junho de 2014 - a campanha política eleitoral não havia, para fins jurídicos, iniciado.

<sup>iii</sup> Uso esta ordem pastor/deputado ao invés de deputado/pastor, pois em uma reunião semanal a então superintendente de células expôs para a igreja essa diferença, dizendo que a igreja não precisava de advogados que fossem crentes, empresários que fossem crentes, e nem políticos crentes. *Enfatizando Daniel e José*, personagens bíblicos que foram segundo relata o antigo testamento da bíblia cristã, servos de Deus que no Egito ocuparam cargos políticos.

<sup>iv</sup> A morte de Villanueva Saravia (p. 152). O Serviço de —Des-inteligência (p. 153). O caso do motorista (p. 154).

<sup>v</sup> Termo derivado de discípulo referência aos discípulos de Jesus, aqui reconhecidos como aqueles que se tornaram iguais ao mestre. Tomam com referência a passagem bíblica de Mateus 28:19: “Portanto, ide e fazei com que todos os povos da terra se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

<sup>vi</sup> Ambos possuem o Título de Cidadão Paulistano, Cezar recebeu no ano de 2011 e Claudia em 2017 ambos PDL foram de autoria da vereadora Edir Sales. Claudia Castelhana foi eleita duas vezes senadora na Colômbia 1991-1994 e 2006-2010, de 2004 a 2005, foi também Embaixadora da Colômbia para o Brasil. A *Misión Cristiana Internacional* - MCI tem atuação em 18 grandes cidades no Brasil e está presente em 14 países incluindo os Estados Unidos, Venezuela, Espanha, Costa Rica, Argentina, Suíça e Brasil. Trecho retirado da Justificativa da PDL 066/2016 da Câmara Municipal de São Paulo. Disponível em <https://www.radarmunicipal.com.br/proposicoes/projeto-de-decreto-legislativo-66-2016>

<sup>vii</sup> Por escolha metodológica todos os nomes são fictícios.

---

<sup>viii</sup> Assim como Pai na fé: categoria êmica utilizada pelos interlocutores para designar a pessoa que lhe levou a fazer parte igreja.

<sup>ix</sup> Célula Soldado de Cristo deu origem a Célula Soldado de Cristo 2. Essa reprodução do nome é comum.

<sup>x</sup> Forma de interação pessoal que gera laços cerimoniais. Todos esses aspectos se embasam na premissa que para o crescimento espiritual os participantes da igreja devem compartilhar suas experiências com outras pessoas que serão responsáveis por acompanhar na sua caminhada espiritual.

<sup>xi</sup> **Escatologia** (do grego antigo εσχάτος, "último", mais o sufixo -logia) é uma parte da teologia e filosofia que trata dos últimos eventos na história do mundo ou do destino final do gênero humano, comumente denominado como fim do mundo.

<sup>xii</sup> Os evangélicos, tradicionalmente ausentes na esfera política, surpreenderam a sociedade por ocasião das eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, em 1986, quando elegeram 32 parlamentares. Além do número expressivo, a novidade também se deu em relação à origem desses parlamentares: 20 eram de igrejas pentecostais. (SIEPIERSKI, 2001).

<sup>xiii</sup> [http://www.iserassessoria.org.br/novo/ativ\\_desenvolvidas/seminarios.php](http://www.iserassessoria.org.br/novo/ativ_desenvolvidas/seminarios.php)

<sup>xiv</sup> Publicado em: LFaustino Teixeira e Renata Menezes (orgs.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

<sup>xv</sup> [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=0100-8587&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0100-8587&lng=pt&nrm=iso)

<sup>xvi</sup> Argachof, Márcio. G12: O fruto do engano no Corpo de Cristo. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/57986715/g12-o-fruto-do-engano-no-corpo-de-cristo>>. Acesso 18/04/18.

Recebido em: 02/06/2020.

Aprovado em: 30/06/2020.

Publicado em: 31/07/2020.